

CULTURA GAÚCHA: A PERCEPÇÃO DOS FREQUENTADORES DA XXIX SEMANA FARROUPILHA DO CTG NOVA QUERÊNCIA - BOA VISTA - RORAIMA

RITA LOURDES MICHELIN¹
PAULO ROBERTO TEIXEIRA²

Recebido em: 17.10.2016

Aprovado em: 12.10.2017

Resumo: A cultura gaúcha encontra-se em um constante processo de (re)construção o que corrobora com o processo de dinamicidade das culturas. Os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) se tornaram um espaço de valorização da cultura gaúcha, independente do Estado onde estejam localizados, tornando-se um espaço de integração e trocas culturais, onde qualquer pessoa pode ter contato com a cultura sul-rio-grandense. O objetivo do artigo foi estudar o evento da Semana Farroupilha realizado no CTG Nova Querência (Boa Vista/RR), a fim de identificar a percepção dos seus frequentadores quando a cultura gaúcha. Foram aplicadas 124 entrevistas e os indivíduos foram divididos em duas categorias: Gaúchos e Não Gaúchos. Os resultados demonstraram que a valorização do tradicionalismo destacou-se na percepção da cultura gaúcha, por ambas as categorias do universo da pesquisa.

Palavras Chave: cultura. Cultura gaúcha. Identidade. CTG Nova Querência.

GAUCHO CULTURE: THE PERCEPTION OF THE GOERS OF THE XXIX FARROUPILHA WEEK OF CTG NOVA QUERENCIA - BOA VISTA - RORAIMA

Abstract: The gauchó culture is in a constant process of (re)construction which corroborates the process dynamics of cultures. The Gauchó Tradition Centers (CTGs) became independent of the state where they are located an area of valuation of gauchó culture, becoming a space of integration and cultural exchange, where anyone can have contact with the gauchó culture. The aim of the event was to study the Farroupilha's Week held at CTG New Querencia (Boa Vista/RR) in order to identify the perception of their regulars when the gauchó culture. 124 interviews were administered and subjects were divided into two categories: Gauchos and not Gauchos. The results showed that the recovery of traditionalism emphasized on the perception of the gauchó culture, for both categories of the survey.

Key-words: culture. Gauchó culture. Identity. CTG Nova Querência

¹ Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2008). Professora do curso de Turismo da Universidade Estadual de Roraima (UERR). E-mail: rita.michelin@gmail.com

² Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2009). Especialista em Geografia e Meio Ambiente (2011). Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR). E-mail: prt.teixeira@gmail.com



1.Introdução

A cultura gaúcha está relacionada aos saberes e ao saber-fazer característicos do povo do estado do Rio Grande do Sul, bem como seus comportamentos e tradições que são passados de geração para geração. Esse todo trata-se da cultura no entendimento de Laplantine (1999, p.120) que considera a cultura como um "conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros".

No entanto, vale ressaltar que a cultura é dinâmica, ou seja, ela sofre influências, tanto internas quanto externas (BURNS, 2002). As internas ocorrem dentro do próprio grupo social e as externas são aquelas provindas do contato com diferentes grupos sociais. Corroborando com esse viés, Laraia (2004, p.96) apresenta duas formas básicas das mudanças culturais: “uma, que é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro”, confirmando-se, assim, a dinamicidade das culturas, tanto por fatores internos quanto externos.

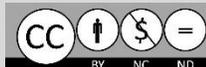
Compreendendo o dinamismo da cultura, vale ressaltar que as tradições gaúchas, segundo Luvizotto (2010, p.13):

[...] são (re)inventadas e, nesse caso, (re)inventadas tendo o CTG³ como cenário para manter os vínculos e a sociabilidade de um grupo sociocultural que se reconhece enquanto grupo e se diferencia dos demais por identificar-se em torno de símbolos, práticas, crenças e rituais que unem seus membros, pois é comum a todos eles, independente do espaço geográfico que ocupem: onde há um CTG sempre haverá um espaço destinado ao culto das tradições gaúchas.

Questões essas confirmadas por Oliven (2006, p.142) onde apresenta que “o culto às tradições gaúchas é uma forma de manter sua identidade enquanto grupo com características distintas. Os CTGs passam a ser o lugar onde esse culto é desenvolvido e as tradições são ritualizadas”. Dessa forma, percebe-se a dinamicidade da cultura e das tradições gaúchas, que encontram no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) um local para exaltação e manutenção, bem como um local de interação entre indivíduos do mesmo grupo social, reconhecendo-se nas suas origens e buscando resgatar as suas raízes. Luvizotto (2010) ainda frisa que a reinvenção das tradições se dá em consequência ao dinamismo cultural da sociedade moderna, ou seja, mesmo sendo reinventadas as tradições mantêm

3

CTG - Centro de Tradições Gaúchas.



características básicas da sua origem.

Considerando então essa dinamicidade cultural, a presente pesquisa busca compreender a percepção acerca da cultura gaúcha pelos frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência, no município de Boa Vista/RR.

2. Identidade gaúcha

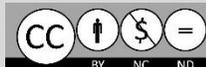
Luvizotto (2010) baseada em Ribeiro (1997) apresenta que a complexa origem histórico-cultural dos gaúchos vai diferenciá-los dos demais brasileiros. Por esse motivo, vale retomar brevemente a (re)construção da cultura gaúcha, considerando que a figura do gaúcho representativa da cultura sul-rio-grandense conhecida atualmente não foi sempre dessa forma. Por exemplo, nos anos de 1960 e 1970 seria difícil ver um sul-rio-grandense vestindo bombacha⁴ e com a cuia de chimarrão na mão, pois isso era visto como “coisa de grosso do interior” (KAISER, 1999).

O gaúcho era o homem do pampa, o gaúcho da campanha, “[...] um personagem mitológico que habitou o Sudoeste do Rio Grande do Sul, a região dos pampas do Sul do Brasil, na atual fronteira com Argentina e Uruguai, conhecida como Campanha” (KAISER, 1999, p.37), era um “[...] homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo[...]” (OLIVEN, 2006, p.97). No entanto, com o passar dos tempos o significado de gaúcho passa a representar todos os nascidos no Rio Grande do Sul e torna-se representação do gaúcho como característica cultural sul-rio-grandense. O termo gaúcho recebe um novo significado, deixando de ser considerado marginal e passando a ser interpretado como símbolo de identidade regional (OLIVEN, 2006).

Dessa forma, Haesbaert (1997, p.61-62) apresenta a “[...] metamorfose sofrida pelo termo ‘gaúcho’, que passou de expressão depreciativa, associada originalmente aos descendentes de indígenas, preadores ou ‘ladrões’ de gado, para a qualificação altamente positiva a designar o ‘centauro dos pampas’, o ‘monarca das coxilhas’”.

Percebe-se, assim, que a (re)significação dos símbolos faz parte da criação de uma identidade cultural, considerando que símbolos, significados e valores apresentam-se como sinais diacríticos de uma cultura, os quais são percebidos nos contatos entre diferentes culturas (BARTH, 1998). Dessa forma, a (re)criação de símbolos relacionados a cultura gaúcha surge como forma de fortalecimento da

⁴ Calça larga abotoada no tornozelo, típica da vestimenta do homem gaúcho.



identidade local a fim de diferenciá-la das demais. Além disso, Graburn (*apud* GRÜNEWALD, 2004, p.02) apresenta que os símbolos identitários não precisam ser originais de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até mesmo roubados, o autor expõe que “de fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades ‘emprestadas’ são frequentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas”.

Como exemplo de símbolo identitário pode-se citar o chimarrão, bebida típica da cultura gaúcha que é considerada bebida símbolo do Rio Grande do Sul segundo a Lei Estadual Nº11.929, de 20 de Junho de 2003 (RIO GRANDE DO SUL, 2003). Esse símbolo, na verdade é de origem indígena, e foi absorvido pelo povo sul-rio-grandense das mais diferentes etnias e passou a ter como significado a hospitalidade e a amizade do gaúcho. O chimarrão pode ser encontrado em outras culturas com algumas variações, como por exemplo, na Argentina e no Uruguai, onde a forma de preparo é diferenciada.

Hobsbawm (2008, p.09) afirma que “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”, ou seja, os símbolos identitários de uma determinada cultura não são necessariamente antigos, eles podem ter sido (re)criados e absorvidos tornando-se uma característica identitária definida de um determinado grupo social. Quanto ao termo “tradição inventada” o autor expõe que “é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez”.

Segundo Maciel (2005), a tradição são os elementos, geralmente resgatados do passado, que fazem parte do processo de construção identitária. No entanto, a autora ainda lembra dos cuidados que é preciso ter quando se trata de tradição, pois esse termo pode ser considerado como de “sobrevivência do passado”. Sendo assim, é possível compreender que o processo de “invenção” da tradição gaúcha ocorreu por meio da (re)criação da tradição do gaúcho da Campanha, onde buscou-se resgatar elementos do gaúcho pampeano a fim de definir um modelo que fosse referencial a personificação do gaúcho do passado e do presente.

Vale ressaltar que “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”



(HALL, 2004, p.38). Sendo, então, formada através do contato entre diferentes grupos sociais e da absorção de diferentes traços culturais, por isso, consideradas dinâmicas em constante (re)construção, conforme expõe Canclini (2003, p.XXIII):

[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência.

Com base no apresentado pelos diversos autores, é possível afirmar que a identidade gaúcha foi (re)construída a partir do contato com outras culturas e ao longo de um contexto histórico, resultando na personificação hoje reconhecida do gaúcho, pessoa nascida no Rio Grande do Sul. No entanto, vale frisar que devido a dinamicidade da cultura, a identidade também encontra-se em um constante processo de (re)construção, por esse motivo, a identidade gaúcha não pode ser considerada como um conjunto de traços fixos, mas sim em movimento, ou seja, absorvendo diferenciados traços culturais que recebem significados específicos na cultura gaúcha. Como forma de manutenção da identidade gaúcha e de culto as tradições os Centros de Tradições Gaúchas destacam-se enquanto espaços destinados a esse processo.

3.A cultura gaúcha nos Centros de Tradições Gaúchas – CTGs

Tendo então a definição identitária regional gaúcha (re)criada e a qual passa a ser valorizada através dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG), Luvizotto (2010, p.14) apresenta que o CTG é o “[...] espaço necessário para manter a sociabilidade e o vínculo daqueles que se identificam como gaúchos”. Ainda segundo a autora a criação dos CTGs se deu com objetivo de demonstrar os costumes, as raízes históricas e o modo de ser dos gaúchos. O primeiro CTG criado foi o 35 CTG, em Porto Alegre, no ano de 1948, fundado por estudantes secundários que moravam na capital, mas eram provenientes do interior do estado, sendo possível, verificar o distanciamento como fator contribuinte para a busca e manutenção das características tradicionais de suas origens interioranas.

Oliven (2006) apresenta que no ano anterior, 1947, esses mesmos jovens, fundaram o

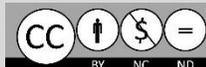


Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil no Colégio Estadual Julio de Castilhos, em Porto Alegre, ano em que organizaram a primeira Ronda Gaúcha, que deu origem a Semana Farroupilha, sendo essa oficializada através de lei estadual no ano de 1964. Esse primeiro evento foi realizado no período de 7 de setembro à 20 de setembro, tendo início com a retirada de uma centelha do Fogo Simbólico da Pira da Pátria acendendo em um candeeiro de galpão a Chama Crioula, “a chama foi assim usada para construir uma relação simbólica entre a independência do Brasil e a tentativa de independência do Rio Grande do Sul” (OLIVEN, 2006, p.106).

O autor ainda apresenta que o segundo CTG que surgiu foi no ano de 1948 no município de Taquara, cidade de colonização alemã. Esse fato intrigou os membros do movimento tradicionalista, pois se esperava uma resposta a esse movimento primeiramente da Campanha, onde as tradições gaúchas seriam mais fortes, no entanto, essa veio de uma região de colônia alemã. Com isso, é possível perceber que a valorização das tradições da cultura gaúcha não segue regras, o tradicionalismo foi se desenvolvendo no Rio Grande do Sul de forma a divulgar as tradições e também de aproximar diferentes culturas existentes no estado devido aos diversos imigrantes que lá chegaram. Os fundadores do segundo CTG afirmaram que a criação desse surgiu da necessidade que os indivíduos de origem alemã tinham de se afirmarem perante a sociedade como sendo gaúchos e não mais estrangeiros, como eram vistos (OLIVEN, 2006).

Compreende-se assim o papel que a cultura representa perante a afirmação dos grupos sociais, onde um grupo de imigrantes aproxima-se da cultura gaúcha através do CTG (espaço de valorização cultural) para assim se tornar também parte daquela cultura. Com isso, é possível perceber a dinamicidade cultural, sofrendo influências externas, nesse caso, onde os imigrantes alemães buscam agregar traços da cultura gaúcha a sua identidade, tratando-se de um processo de hibridização cultural. Segundo Canclini (2003, p.XIX), trata-se de hibridação os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, ou seja, são as trocas realizadas entre diferentes culturas, as influências que uma exerce sobre a outra, onde nenhuma das culturas deixa de existir, mas sim coexistem.

Haesbaert (1997) corrobora com a questão acerca das identidades híbridas apresentando que a dinâmica cultural está cada vez menos associada a um território e uma identidade específica, ou seja, em um mesmo território podem haver diferentes identidades sendo (re)criadas em formas híbridas. Segundo Barretto (2007, p. 96) “identidade implica sentimento de pertencimento a uma comunidade,



cujos membros não se conhecem, mas compartilham referenciais importantes: mesma história, mesma tradição”, sendo assim, percebe-se a identidade em seu processo de constante (re)construção, seja através da identificação/pertencimento com o seu próprio grupo social ou um grupo diferente.

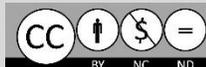
A fim de preservar o núcleo da formação gaúcha, foi criado, no ano de 1966 o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), formado pela associação de entidades tradicionalistas constituídas. Dentre os objetivos apresentados no estatuto do MTG⁵, pode-se destacar o sétimo: “fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns”. Sob essa perspectiva, compreende-se o CTG como o local de valorização e exaltação a cultura gaúcha, local em que se procura reviver e cultivar as tradições e costumes da identidade regional do Rio Grande do Sul, um espaços de ritualização das tradições gaúchas.

A criação dos CTGs expandiu-se, principalmente a partir da década de 1950, gaúchos espalhados por diferentes partes do Brasil e do mundo passaram a fundar Centros de Tradições Gaúchas com objetivo de manter vivas suas tradições culturais. No entanto, segundo Kaiser (1999), é somente no início dos anos de 1980 que o tradicionalismo gaúcho realmente se populariza e mesmo aqueles que não costumavam frequentar CTGs ou que eram críticos a esses passam a ser simpáticos a causa.

De acordo com dados obtidos via e-mail da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) atualmente no Brasil existem 2719 CTGs (Centro de Tradições Gaúchas), sendo os três estados da região Sul com a maior concentração: Rio Grande do Sul (1769), Santa Catarina (529) e Paraná (271). Segundo a CBTG na Amazônia Ocidental, que compreende os estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima existem 39 CTGs, desses, um se encontra no estado de Roraima, o CTG Nova Querência, local de realização dessa pesquisa.

De forma geral, compreendem-se as manifestações culturais gaúchas nos CTGs fora do Rio Grande do Sul como forma de manutenção da cultura, uma maneira de manter vivas as tradições gaúchas pelos sul-rio-grandenses que atualmente vivem em outros lugares, em diferentes culturas, mas que ainda mantém a sua identidade regional. No entanto, é importante ressaltar que os CTGs apresentam-se como um local de trocas culturais, onde independente da sua cultura de origem, qualquer

⁵ Disponível em: <http://www.mtg.org.br/site/pag_documentos.php> . Acesso em 24 de março de 2014.



pessoa tem a oportunidade de interagir e até mesmo se apropriar dos traços culturais gaúchos.

Oliven (2006, p.149) corrobora com essa questão dos CTGs fora do Rio Grande do Sul, quando diz que nessas “[...] entidades tradicionalistas em outros lugares provavelmente já não seja frequentado por gaúchos natos, mas por seus descendentes, sua existência denota uma imensa saudade da querência, em busca de origens rurais perdidas (ou jamais possuídas) à semelhança do que ocorreu com os fundadores do 35 CTG”.

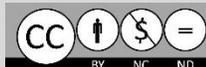
Principalmente para os descendentes de gaúchos que nunca estiveram no Rio Grande do Sul, ou todos aqueles que se identificam com a cultura gaúcha e da mesma forma nunca foram aquele estado, fala-se da saudade da querência, da busca das origens, que nunca foram possuídas, ou seja, o sentimento de pertencimento à cultura é tamanho que mesmo não havendo uma ligação de nascimento e vivência o saudosismo existe.

Com isso, pode-se dizer que os CTGs tornam-se não apenas um local para valorização, mas principalmente de resgate cultural, tanto para gaúchos quanto para não gaúchos. Com objetivo de manter essa cultura, esse patrimônio, desenvolve-se o movimento do gauchismo, a “grosso modo, gauchismo é tudo aquilo que tem a ver com o gaúcho, ou seja, as manifestações e práticas culturais que possuem seu eixo na figura do gaúcho” (MACIEL, 2005, p.448).

Como foi visto, ao se discutir cultura e tradição, deve-se ressaltar as questões relacionadas a dinamicidade cultural, ou seja, a cultura não é estática, ela está em constante movimento, onde os elementos culturais encontram-se em um constante processo de (re)construção. Dessa forma, pode-se afirmar que “a cultura é, assim, vista como uma coisa viva, em permanente mutação, em que práticas e manifestações culturais são combinadas, apropriadas e ressemantizadas” (MACIEL, 2005, p.446).

Por esse motivo, faz-se importante compreender os processos dinâmicos de (re)construção da identidade cultural bem como da (re)construção dos elementos culturais. Sendo assim, busca-se compreender a percepção acerca da cultura gaúcha pelos frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência, no município de Boa Vista/RR. Objetivando verificar a visão de gaúchos e de não gaúchos a fim de uma primeira leitura acerca do processo dinâmico da cultura gaúcha no estado de Roraima através do CTG Nova Querência.

4. Metodologia



A Semana Farroupilha, que teve origem no ano de 1947 com a realização da primeira Ronda Gaúcha no colégio Julio de Castilhos em Porto Alegre-RS, trata-se de um evento característico dos gaúchos, o qual é comemorado em homenagem e memória aos heróis Farrapos, conforme a Lei Estadual N^o4.850, de 11 de Dezembro de 1964 (RIO GRANDE DO SUL,1964), a qual oficializa a “Semana Farroupilha” no Rio Grande do Sul e a realização dessa no período de 14 a 20 de Setembro. No dia 20 de Setembro é comemorado o Dia do Gaúcho, de acordo com a Lei N^o 9.405, de 25 de Outubro de 1991 (RIO GRANDE DO SUL, 1991), data magna do estado do Rio Grande do Sul.

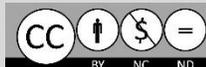
No entanto, a Semana Farroupilha não é realizada apenas no estado do Rio Grande do Sul, mas também em diversos locais onde residem os gaúchos. No estado de Roraima, na cidade de Boa Vista, o evento é realizado há 29 anos no CTG Nova Querência. A fundação deste foi no dia 20 de setembro de 1981 pelo primeiro patrão, Ary Pereira Rodrigues. No entanto, a realização da Semana Farroupilha iniciou-se apenas no ano de 1987. Durante o período das comemorações diferentes atrações são apresentadas em cada dia, como o boi no rolete, noite italiana, noite alemã, costelão, dentre outras, sendo que durante todos os dias do evento acontecem as rodas de chimarrão e sempre há música ao vivo com apresentações das invernadas⁶.

Desde a criação do CTG já houveram dezoito (18) patronagens, cada uma com duração de cerca de dois anos, uma curiosidade é que dois patrões não eram gaúchos, um cearense e um catarinense, demonstrando assim, a relação da cultura gaúcha com o sentimento de pertencimento por pessoas nascidas em outras culturas.

A presente pesquisa foi realizada durante a XXIX Semana Farroupilha, como foco de análise a pesquisa buscou compreender a percepção dos frequentadores desse evento acerca da cultura gaúcha. A pesquisa se caracterizou como aleatória estratificada onde uma amostra de cento e vinte e quatro (124) indivíduos foram entrevistados. Como instrumento de pesquisa foi utilizada a entrevista com questões fechadas e questões abertas, com objetivo de verificar a origem dos entrevistados, se nascidos no Rio Grande do Sul ou não e as diferentes visões acerca da cultura gaúcha por parte de ambos. Dessa forma, o instrumento possuía algumas questões iguais e outras diferenciadas, para nascidos no Rio Grande do Sul e não nascidos nesse estado, a fim de melhor analisar os dois perfis da amostra.

As entrevistas foram aplicadas no dia 20 de setembro de 2016, último dia do evento, que teve duração de 08 dias (de 13 à 20 de setembro). Como critério de amostra o entrevistado deveria ter acima

⁶ Grupos de danças gaúchas do CTG.



de 18 anos e não poderia fazer parte da organização do evento ou das invernadas, com objetivo de analisar apenas frequentadores do evento que não tivessem ligação direta com o CTG. O instrumento de pesquisa foi aplicado de forma aleatória as pessoas que chegavam ao evento, sendo que primeiramente era feita uma breve explicação sobre a pesquisa e então solicitava-se ao indivíduo se ele aceitaria responder a entrevista. Alguns não aceitaram responder, nesse caso, passava-se a outro indivíduo. Do total de 124 indivíduos que compuseram o universo da pesquisa 29 são nascidos no Rio Grande do Sul e 95 não nascidos no Rio Grande do Sul.

No último dia do evento, no qual foi realizado o costelão no jantar, estima-se cerca de 500 pessoas no evento. Sendo assim, a amostra representa cerca de 25% dos frequentadores do último dia do evento XXIX Semana Farroupilha. Segundo a secretaria do CTG, não há dados exatos quando ao número de frequentadores, mas nas noites do boi no rolete, italiana e alemã, estima-se cerca de 3.000 pessoas. Sendo um evento de grande representatividade no município e demonstrando a presença dos gaúchos no estado de Roraima, “estima-se que os sul-rio-grandenses formem a terceira maior colônia em Roraima, depois dos maranhenses e dos cearenses” (SIMON, 2007, p.125).

5.Resultados

Para análise dos resultados os 124 indivíduos que compuseram a amostra pesquisada foram divididos em duas categorias: Gaúchos e Não Gaúchos. No total foram 29 nascidos no Rio Grande do Sul (Gaúchos), representando 23% da amostra, e 95 não nascidos no Rio Grande do Sul (Não Gaúchos), com 77% de representatividade.

5.1.Perfil dos Gaúchos

Com relação ao perfil dos entrevistados, 66% são do gênero masculino e 34% feminino. A faixa etária predominante é entre 28 e 37 anos com 27%, seguido de 38 a 47 anos e acima de 58 anos (ambos com 21%), 48 a 57 anos (17%) e 18 a 27 anos (14%). Quanto a ocupação foi dividida em categorias, tendo 38% serviços, 24% empresários/autônomos, 17% funcionário público, 14% outros (aposentados, por exemplo) e 7% agricultura/pecuária. Percebe-se assim, uma maior representatividade do gênero masculino na faixa etária entre 28 a 37 anos e que trabalham na área de serviços.

A cidade natal dos entrevistados que informaram ter nascido no RS foi categorizada de acordo com as regiões do Estado. Sendo assim, 44,82% são provenientes da região Noroeste (Santa Rosa,

Passo Fundo), 17,24% região Metropolitana (Porto Alegre e Canoas), 17,24% da região Sudoeste (Uruguaiana, São Borja), 13,8% da região Central (Santa Maria e Cachoeira do Sul) e 6,9% não informaram (Fig. 1).

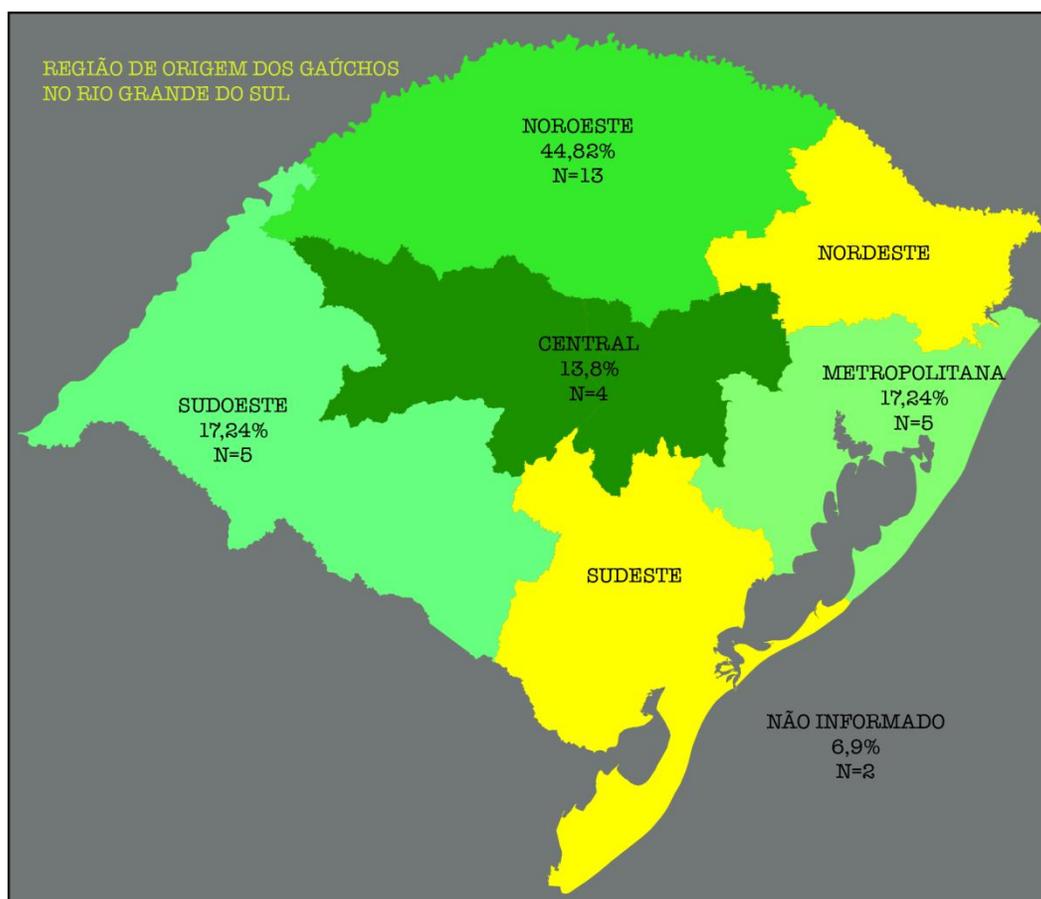


Fig. 1: Região da cidade de nascimento dos entrevistados
Fonte: dados da pesquisa

Tem-se assim uma grande representatividade de gaúchos provenientes da região Noroeste do Rio Grande do Sul, corroborando com estudos que apresentam uma maior migração por parte dos gaúchos dessa região. Souza (2001) apresentou em seu estudo sobre os gaúchos em Roraima, que a maioria de seus entrevistados eram provenientes da região Noroeste do estado.

Ainda com objetivo de melhor conhecer a amostra pesquisada, foi questionado quanto tempo que o indivíduo viveu no RS e qual a década da sua chegada a Roraima. As respostas foram agrupadas em categorias de períodos de tempo, tendo 58,62% de 21 a 30 anos, 17,24% de 10 a 20 anos, 6,9% de 31 a 40 anos, 6,9% acima de 41 anos e 10,34% que não informaram (Fig. 2).

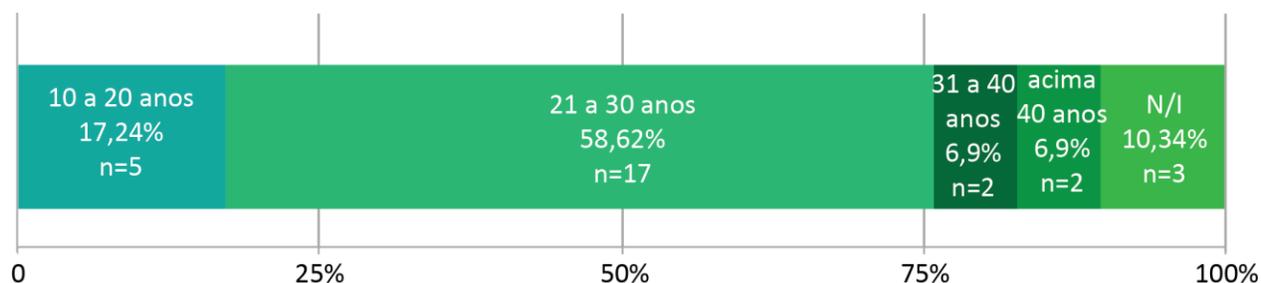


Fig. 2: Tempo que viveu no RS antes de migrar para RR.

Fonte: dados da pesquisa

Quanto a década de chegada à Roraima 34,5% chegaram na década de 2010, 20,68% em 1980 e 2000, 13,08% em 1990, 6,9% em 1970 e 3,44% estavam apenas a passeio no estado. Através desses resultados é possível perceber que a maioria da amostra migrou pra Roraima após viver entre 21 e 30 anos no Rio Grande do Sul, chegando ao estado principalmente na década de 2010 (Fig. 3).



Fig. 3: Década de migração para RR dos entrevistados.

Fonte: dados da pesquisa

5.2. Perfil dos não gaúchos

A amostra de Não Gaúchos teve um número total de 95 indivíduos entrevistados, desses 53% do gênero masculino e 47% feminino. Representando 38% da amostra pessoas na faixa etária de 18 a 27 anos, 29% de 28 a 37 anos, 16% de 38 a 47 anos, 10% de 48 a 57 anos e 7% acima de 58 anos. Em relação a ocupação as respostas foram divididas nas mesmas categorias dos gaúchos, tendo como resultado 22% funcionário público, 21% serviços, 17% estudante, 12% comércio, 11% outros, 8% saúde, 6% empresário/autônomo e 3% não informado. Sendo assim, na categoria dos não gaúchos tem-se maioria do gênero masculino, com idade entre 18 e 27 anos atuando no funcionalismo público.

Quanto a procedência dos indivíduos da amostra foi questionado o seu estado de origem, sendo as respostas divididas nas regiões do Brasil e tendo como resultado 51,58% da região Norte, 18,95%

região Sul, 17,9% Nordeste, 6,31% Centro-oeste e 5,26% Sudeste (Fig. 4). Dessa forma, é possível verificar que a grande maioria são nascidos na região Norte, principalmente em Roraima, sendo que a representatividade dos roraimenses nessa amostra foi de 27%. Considerando que o evento da Semana Farroupilha já ocorre a 29 anos na cidade de Boa Vista, muitos moradores locais, mesmo não tendo muito contato com a cultura gaúcha acabam participando do evento pela ampla divulgação que é feita e também pela “fama” do churrasco gaúcho servido no CTG.



Fig. 4: Região de origem dos entrevistados na categoria não gaúchos.

Fonte: dados da pesquisa

Aos não gaúchos foi perguntado se os mesmos possuíam algum parente nascido no Rio Grande do Sul, dos 95 indivíduos da amostra, 68% responderam que não e 32% que sim. Dos que responderam afirmativamente foi questionado qual o grau de parentesco, avós, pais, tios e marido, correspondem

cada um a 21%, primos 12% e esposa 4%. Verificando-se que uma parcela considerável da amostra possui vínculo familiar com sul-rio-grandenses.

Ainda foi questionado aos não gaúchos como esses se aproximaram do tradicionalismo gaúcho (Fig. 5), a maioria dos entrevistados (43,15%) aproximou-se através de amigos, seguidos de 28,42% pela família. Assim é possível perceber a influência principalmente que os amigos exercem sobre os não gaúchos ao influenciarem a aproximação com uma cultura que não é aquela de origem desses indivíduos. Quanto a influência da família ao tradicionalismo ocorre principalmente com os indivíduos da amostra que tem parentes nascidos no Rio Grande do Sul.

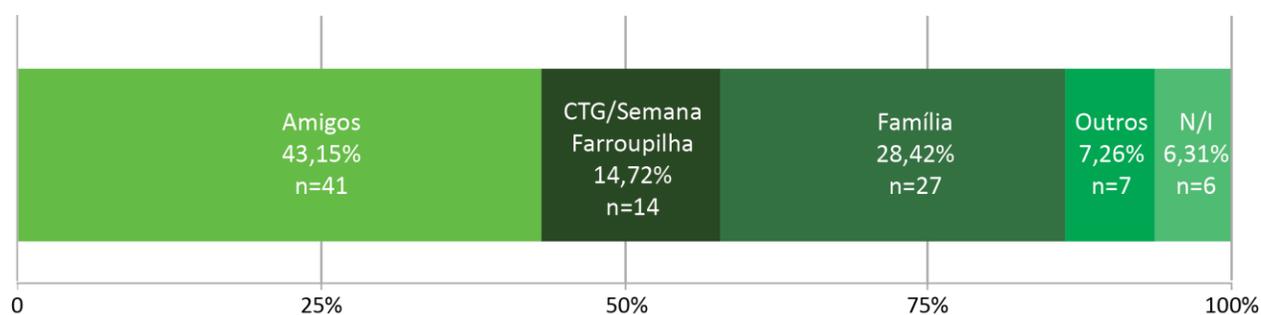


Fig. 5: Como se aproximou do tradicionalismo gaúcho.

Fonte: dados da pesquisa

5.3. Percepção da cultura, comparativo entre gaúchos e não gaúchos

Sabe-se que a cultura sofre influências, tanto internas quanto externas, sendo dinâmica devido as diversas trocas que podem existir através dessas influências. Os contatos existentes entre diferentes grupos culturais podem contribuir para a valorização cultural, pois é por meio desses contatos que os sinais diacríticos de cada cultura tornam-se mais perceptíveis e característicos.

Conforme apresentado anteriormente, verificou-se que a cultura gaúcha passou por um processo de (re)criação, onde, através do Movimento Tradicionalista Gaúcho buscou-se (re)criar os símbolos da tradição gaúcha, sua identidade cultural e até mesmo o próprio significado do termo “gaúcho”. Compreendendo, então, a dinamicidade cultural e esse processo constante de (re)criação identitária, analisar-se-á a percepção dos frequentadores da Semana Farroupilha quando a cultura gaúcha, a partir dessa visão não estática das culturas.

Considerando que a cultura é simbólica, ou seja, evidencia-se através de símbolos identitários,

lembrando que esses não precisam necessariamente ser originários de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até roubados (GRABURN, *apud* GRÜNEWALD, 2004), o que vai diferenciá-los será o significado que lhes é atribuído na cultura em questão. Com base nessas questões foi perguntado ao universo da pesquisa qual o principal símbolo da cultura gaúcha.

No comparativo entre os entrevistados não gaúchos e gaúchos, é possível perceber a unanimidade em relação ao chimarrão como o principal símbolo da cultura gaúcha (Fig. 6). Vale ressaltar que o chimarrão é de origem indígena e foi um hábito absorvido pelo povo gaúcho, sendo esse símbolo também encontrado em outros países e regiões do Brasil, variando o significado que lhe é atribuído em cada cultura. No caso da gaúcha, representando a hospitalidade do povo sul-rio-grandense. No entanto, mesmo o chimarrão sendo um símbolo presente em outras culturas, é reconhecido como símbolo principal da cultura gaúcha.

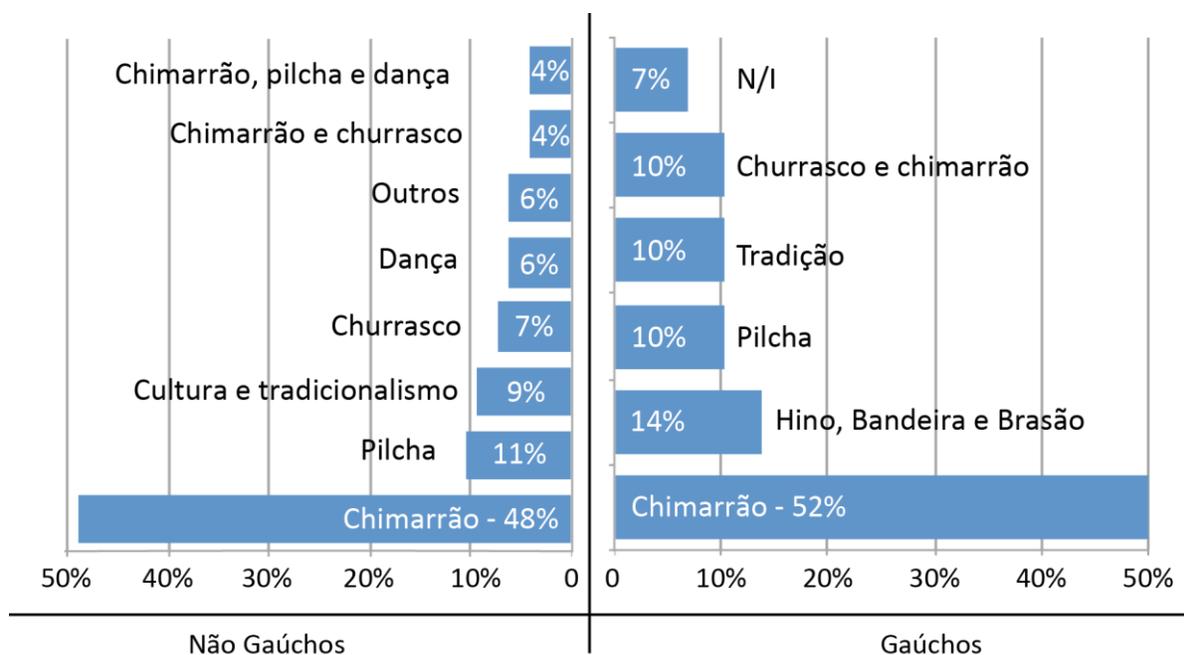


Fig. 6: Comparativo entre não gaúchos e gaúchos com relação aos símbolos da cultura
Fonte: dados da pesquisa

Já quando questionados acerca do que era mais marcante na cultura gaúcha, houve uma grande diversidade de respostas, sendo assim, foram criadas categorias de análise a fim de agrupar as respostas. Dentre os não gaúchos, as questões ligadas ao tradicionalismo e a cultura foram as que mais de destacaram com 31%, seguido da gastronomia com 21%. Já entre os gaúchos o chimarrão e o

churrasco ganharam destaque com 31%, seguido das danças e costumes com 21% e o tradicionalismo e a cultura aparecem com 18% (Fig. 7).

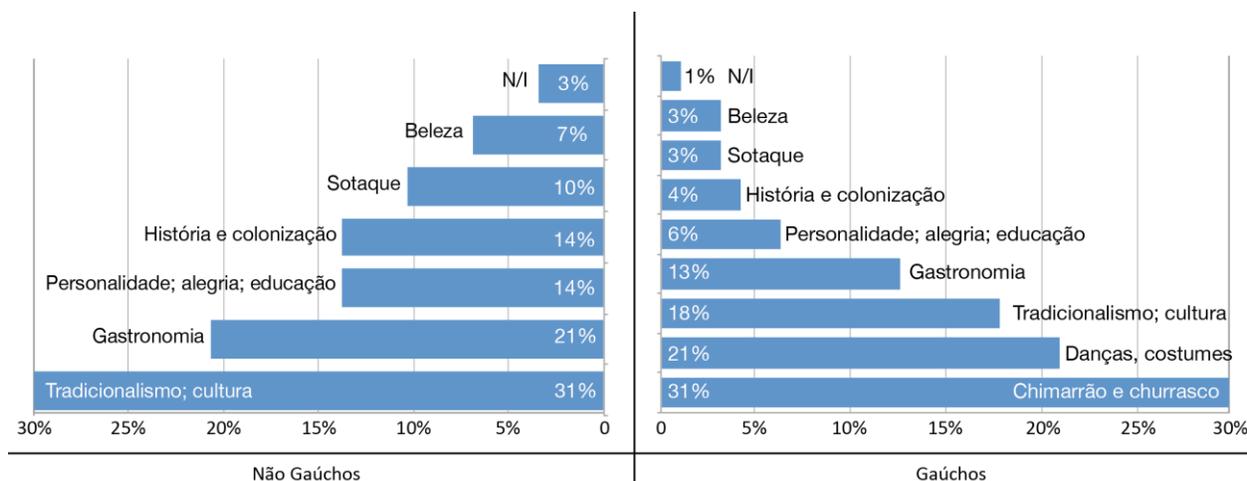


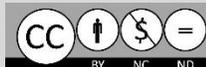
Fig.7: Comparativo entre gaúchos e não gaúchos com relação ao que é mais marcante na cultura gaúcha.

Fonte: dados da pesquisa

Pode-se perceber que para os não gaúchos as questões ligadas ao tradicionalismo gaúcho, o orgulho que o povo tem da sua cultura são marcantes. Enquanto que para os gaúchos o chimarrão e o churrascos destacam-se, vale ressaltar que ambos são hábitos reconhecidos da cultura sul-rio-grandense, contando com a Lei Estadual N°11.929 de 20 de junho de 2003 que institui o churrasco como prato típico e o chimarrão como bebida símbolo do Rio Grande do Sul.

Objetivando verificar a percepção dos não gaúchos quanto a cultura gaúcha, foi questionado se esses se reconheciam inseridos na cultura sulista. Dos entrevistados 51% responderam que não, 43% afirmaram que sim, 4% não muito e 2% não responderam. Tendo 43% de afirmativas positivas, considera-se esse número de importante expressividade, pois demonstra que muitos não gaúchos se reconhecem na cultura sul-rio-grandense, como os exemplo dos dois padrões do CTG que não eram gaúchos, mas que se reconhecem com a cultura gaúcha.

Em relação aos gaúchos, foi perguntado se para eles o seu tradicionalismo havia se fortalecido após a saída do Rio Grande do Sul, dos 29 indivíduos, 48% afirmaram que sim, 48% que não e 4% não responderam. Nesse caso, é perceptível a questão do distanciamento como fator que contribui na valorização da cultura, conforme apresentado por Oliven (2006), acerca da criação do primeiro CTG,



onde a “saudade” do local de origem contribuiu para uma (re)construção da tradição com base nas suas origens, a fim de amenizar a saudade/distância das raízes.

Considerando então as questões de reconhecimento com a cultura gaúcha e fortalecimento do tradicionalismo, buscou-se verificar o costume de frequentar o CTG por parte dos entrevistados. As respostas positivas foram 62% (gaúchos) e 45% (não gaúchos), esses dados demonstram um maior percentual dentre os gaúchos que frequentam o CTG do que entre os não gaúchos. Pode-se afirmar que o CTG, conforme apresentado por Luvizoto (2010), caracteriza-se como o espaço de interação entre diferentes culturas, local de valorização e exaltação da cultura gaúcha, no entanto, vale lembrar, conforme Oliven (2006), que atualmente os CTGs, principalmente fora do Rio Grande do Sul já não são frequentados apenas por gaúchos natos, mas também por seus descendentes e indivíduos das mais variadas culturas que de alguma forma se identificam com a cultura gaúcha.

Cruzando os dados referente ao fortalecimento do tradicionalismo e o costume de frequentar o CTG pode-se afirmar que alguns dos indivíduos afirmaram que o seu tradicionalismo não havia se fortalecido ao sair do Rio Grande do Sul, mas frequentam o CTG. O que nos leva a crer que esses indivíduos já poderiam ter uma forte ligação com o tradicionalismo quando ainda estavam no seu estado de origem, mantendo esse tradicionalismo da mesma forma após migrarem para Roraima.

Considerando que a identidade cultural encontra-se em um constante processo de (re)construção através da utilização de símbolos e atribuição de significados a esses, questionou-se acerca dos hábitos da cultura gaúcha, para saber se os sujeitos da amostra haviam adquirido algum desses. Obteve-se um número mais significativo de respostas afirmativas (45%) na amostra dos não gaúchos (Fig. 8), considerando que esses, através do reconhecimento com a cultura gaúcha, podem adquirir um hábito que não lhes era originário, mas ao qual se identificam e passam a ter um sentimento de pertencimento ligado a cultura sul-rio-grandense.

Em relação aos gaúchos (Fig. 8), a grande maioria (86%) manteve os hábitos que já tinham, um indivíduo afirmou que “aprendemos desde cedo o que normalmente praticamos até o fim da vida” demonstrando que muitos hábitos e costumes da cultura gaúcha são passados de geração para geração. Entretanto, ainda houve uma pequena parcela de 7% que afirmou que adquiriu algum hábito que não tinha anteriormente, citando a frequência a Semana Farroupilha, as danças e uso de roupas típicas (pilcha).

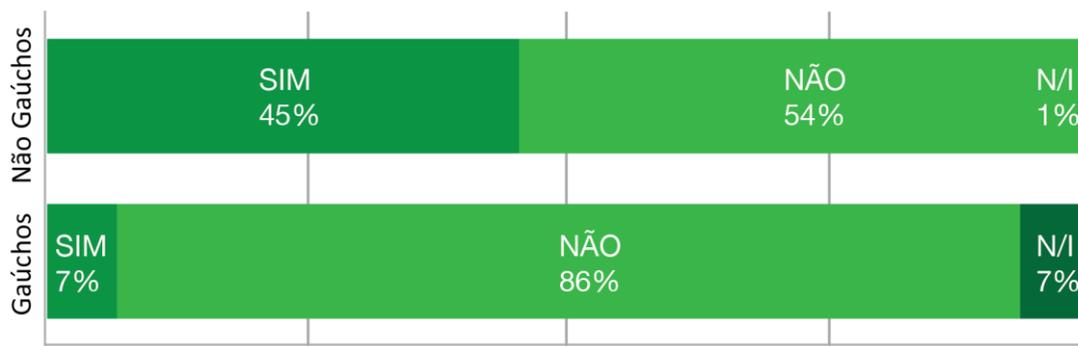


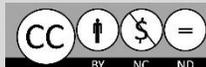
Fig. 8: Comparativo entre não gaúchos e gaúchos quanto adquirir algum hábito da cultura gaúcha
Fonte: dados da pesquisa

Dentre os não gaúchos que afirmaram terem adquirido hábitos/costumes da cultura gaúcha, as principais respostas a esses costumes foram tomar chimarrão, seguido pelo churrasco e pela linguagem (utilização das expressões *bah* e *tchê*), em menor número foram citadas as danças, culinária, vestimentas e músicas.

Foi perguntada a opinião de forma geral sobre a cultura gaúcha, nessa resposta houve unanimidade dos gaúchos na valorização da sua cultura, com maior representatividade descreveram a tradição forte que mesmo longe do Rio Grande do Sul se mantém, não fica no esquecimento, também o tradicionalismo através da herança e da valorização das raízes, outros afirmaram a diversidade e a diferenciação da cultura gaúcha perante outras culturas. Alguns entrevistados foram bem bairristas⁷ quanto a sua opinião, tendo respostas como “melhor cultura”, “tudo que existe no mundo”, “é o que temos de melhor e que deve ser preservado para afirmação da história e evolução do país” e “é algo forte, que nasce com a gente e que jamais se esquece. Nossa cultura apresenta o que há de mais importante, que é a identidade de uma sociedade, suas tradições e sua territorialidade”, demonstrado a valorização quanto a sua cultura de origem e sua identidade regional, não importando a distância que estejam do Rio Grande do Sul.

Para os não gaúchos a questão do tradicionalismo, relacionado a riqueza cultural são as opiniões que mais expressam a visão desses para com a cultura gaúcha, a seguir a beleza da cultura é elucidada por muitos indivíduos. Outras respostas que surgiram foi a cultura como interessante, diferenciada, alegre, bem conhecida, única, acolhedora e exemplar. De forma geral, toda a amostra apresentou uma opinião positiva quanto a cultura gaúcha, percebendo os diferenciais da mesma e a valorização do

⁷ Diz-se de pessoa muito apegada à sua terra, à sua cultura.



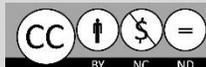
tradicionalismo por parte dos próprios gaúchos.

Algumas respostas chamaram a atenção, por terem sido dadas por não gaúchos, por exemplo, “é uma cultura que não é deixada no estado onde nasceu, mas acompanha os gaúchos”, “é uma tradição muito bonita, além deles atrai outras pessoas de outros estados”, “uma cultura especial, diferente das demais”, “influencia um pouco na cultura roraimense para o desenvolvimento do estado” e dois indivíduos responderam “a melhor cultura que existe no país!”, um roraimense e um paraense. Através dessas respostas é possível verificar que mesmo os não gaúchos percebem a valorização por parte dos gaúchos quanto a sua cultura, além disso, também alguns indivíduos não nascidos no Rio Grande do Sul valorizam a cultura gaúcha, até mais do que muitos gaúchos.

Compreendendo a opinião de forma geral dos entrevistados acerca da cultura gaúcha, buscou-se saber qual o significado da Semana Farroupilha para os mesmos. Para os gaúchos a Semana Farroupilha significa, principalmente, a demonstração e manutenção da cultura e dos costumes, o tradicionalismo, também sendo lembradas as questões históricas referentes a Guerra dos Farrapos, como homenagem aos guerreiros e das lutas e conquistas. Da mesma forma, entre os não gaúchos o principal significado citado também foi o de que a Semana Farroupilha demonstra a cultura, a tradição e os costumes, seguindo pelo significado de oportunidade de conhecer a cultura gaúcha, os fatos históricos e de homenagem a Guerra dos Farrapos e seus guerreiros, confraternização, festa e para seis indivíduos a Semana Farroupilha não possui nenhum significado.

Considerando que a amostra de não gaúchos foi de 95 indivíduos, somente para 06 a Semana Farroupilha não possui nenhum significado, já para os 89 restantes o significado é positivo de manifestação cultural, de uma oportunidade de convivência com os gaúchos, de lembrar fatos históricos. Três respostas podem ser destacadas “é onde se unem todos, com várias culturas, para comemorar a cultura sulista”, “revitalização da cultura, o reconhecimento do gaúcho onde ele esteja” e “uma semana de tradição diferente da qual o estado de Roraima não tem”, demonstrando, assim, a Semana Farroupilha com seu significado de integração cultural, reterritorialização da cultura por parte dos gaúchos onde eles estiverem e um evento de destaque no estado de Roraima.

De acordo com os dados da pesquisa aplicada, pode-se afirmar que a grande maioria dos indivíduos entrevistados não são gaúchos, no entanto, admiram a cultura gaúcha. Compreende-se que a identificação de pessoas não nascidas no Rio Grande do Sul com a cultura sul-rio-grandense se dá pelo fato de que “[...] a identidade é um processo de construção social que é desenvolvido a partir de



diferentes recortes e da utilização de elementos heteróclitos” (OLIVEN, 2006, p.143). Ou seja, aquilo que é diferente, extravagante, desperta a atenção das pessoas e com isso a aproximação com a cultura gaúcha, conforme o autor apresenta “há casos, inclusive, de pessoas da população local que se contagiam com o entusiasmo com que os sul-rio-grandenses cultuam a tradição e se ‘convertem’ também em gaúchos” (idem), como o exemplo, dos dois indivíduos não gaúchos que consideram a cultura gaúcha como a melhor do país.

Fazendo relação entre as fontes utilizadas e os dados da pesquisa pode-se afirmar que os frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência, percebem a cultura gaúcha como um patrimônio que deve ser valorizado, pois possui símbolos identitários marcantes, sendo o principal o chimarrão, bem como um significado histórico de tradicionalismo bem destacado. Independente da categoria, gaúcho ou não gaúcho, o universo da pesquisa, em sua maioria, percebe também a Semana Farroupilha como um evento que contribui para a valorização e o resgate histórico da cultura sul-rio-grandense.

Considerando o universo da pesquisa, pode-se dizer que a maioria dos frequentadores do último dia do evento são não gaúchos, mas se identificam com a cultura gaúcha, seja através da influências de amigos ou da família, ou mesmo por curiosidade. A percepção geral da cultura gaúcha é positiva, de uma cultura forte que tem o tradicionalismo exaltado, independente de estar no Rio Grande do Sul ou fora dele, os CTGs destacam-se como os locais de valorização cultural, onde tanto gaúchos quanto não gaúchos, encontram nesses espaços um local para interação e trocas por meio da convivência, do saudosismo das origens, tendo ou não nascido no Rio Grande do Sul, demonstrando mais uma vez a dinamicidade da cultura e o seu constante processo de (re)construção.

6.Considerações finais

Tendo por base os entendimentos acerca da dinamicidade cultural, nos quais deve-se compreender o constante processo de (re)construção da identidade e até mesmo das tradições, considera-se que a cultura gaúcha passou por um processo de re(construção) das suas tradições e da identidade regional do “ser gaúcho”, resultando nos principais traços culturais reconhecidos como parte dessa cultura.

Através da pesquisa realizada com os frequentadores do evento XXIX Semana Farroupilha no



CTG Nova Querência, pode-se perceber um percentual maior de não gaúchos (n=95) do que de gaúchos (n=29) no universo da pesquisa. De forma geral, os entrevistados consideram o chimarrão como o principal símbolo da cultura gaúcha, mesmo esse não sendo um símbolo originário dessa cultura, mas sim tendo sido absorvido e atribuído significado característico pelos gaúchos, que passaram também a se representarem através do hábito de tomar chimarrão, tornando-se uma característica da identidade gaúcha.

Tanto não gaúchos, quanto gaúchos, percebem a cultura sul-rio-grandense como de grande riqueza cultural e com uma forte tradição através dos costumes. A valorização do tradicionalismo destacou-se na percepção da cultura gaúcha, por ambas as categorias do universo da pesquisa. Para alguns gaúchos entrevistados o distanciamento do Rio Grande do Sul contribuiu para o fortalecimento do seu tradicionalismo. Dentre os não gaúchos, muitos afirmaram se reconhecerem com a cultura gaúcha e até mesmo terem absorvidos hábitos desta, como, por exemplo, tomar chimarrão. Sendo assim, pode-se afirmar que independente do local de nascimento, os entrevistados percebem a importância da cultura gaúcha e a valorização do tradicionalismo que ocorre pelos sul-rio-grandenses, seus descendentes e por aqueles indivíduos que apenas se identificam com essa cultura.

Além disso, foi perceptível o reconhecimento do universo da pesquisa de que não importa o local, mas havendo um gaúcho, ou um descendente, a cultura gaúcha sempre será valorizada e exaltada, independente da distância em que se estiver do Rio Grande do Sul. Com isso, pode-se afirmar, com base em Oliven (2006), que não importam os lugares, as culturas viajam com os indivíduos e acabam se habituando aos novos lugares, sem deixarem de existir.

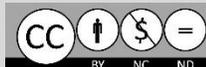
7.Referências

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. São Paulo: Papyrus, 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BURNS, Peter. M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.



GRÜNEWALD, Rodrigo de A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda - PE. 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KAISER, Jakzam. **Ordem e Progresso**: o Brasil dos gaúchos. Florianópolis: Insular, 1999.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. 13.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LUVIZOTTO, Caroline K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2010.

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. *In*: **Mneme** - Revista de Humanidades. V. 07. Nº 18: UFRN out./nov. de 2005

OLIVEN, Ruben G. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 4.850 de 11 de dezembro de 1964. Oficializa a “Semana Farroupilha” e dá outras providências. Disponível em: <http://mtg.org.br/docs/mtg/leis%20decretos/lei_semana_farroupilha.pdf>. Acesso em 30 abril 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 9.405 de 25 de outubro de 1991. Dispõe sobre a comemoração do Dia do Gaúcho. Disponível em: <http://mtg.org.br/docs/mtg/leis%20decretos/lei_gaucha.pdf>. Acesso em 30 abril 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 11.929 de 20 de setembro de 2003. Institui o churrasco como “prato típico” e o chimarrão como “bebida símbolo” do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Disponível em: <http://mtg.org.br/docs/mtg/leis%20decretos/lei_churrasco_chimarrao.pdf>. Acesso em 24 mar. 2014.

SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2007.

SOUZA, Carla M. de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.